LÍNGUA PORTUGUESA

Leia os textos a seguir e responda às questões 01 a 05.

Texto 1
O Quinze

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante:

? Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado...

? E o que é que você disse?

? Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...

? E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?

A mulher se justificou amargamente:

? Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar, o mais que se arranja é ver morrer, como o outro...

Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar.

Mas, detrás dele, a mulher insistiu:

? Que foi que você resolveu, Chico?

Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou:

? É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...

(QUEIROZ, Raquel. *O Quinze*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. p. 80-1.)

Texto 2
CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

(ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p.132-3.)

Texto 3
O futuro para jovens na Etiópia: morte triste

Machete na mão, Batire Baramo sai de sua cabana antes do jantar e começa a golpear a base de uma jovem árvore. Há uma plantação de milho próxima, todos os pés destruídos. Um arbusto de café cresce solitário em um caminho de terra seco. Raízes e sementes da falsa bananeira — chamada desse modo porque nunca dá frutos — estão todas lá e para o jantar de hoje.

Batire vai colocá-las em uma mistura que na verdade tem baixíssimo valor nutritivo, mas pelo menos vai aplacar a fome de seu marido e sete filhos. Quando essas partes da árvore se forem, ela vai ferver a carcaça. Quando a carcaça acabar, ela vai em busca de qualquer outra coisa. “Esse lugar está amaldiçoado”, diz do meio acre de terra da família.

A vida com menos de US$ 1 por dia, como a maioria dos africanos a vivem, é a infindável perseguição da sustentação. No Chifre da África, é uma busca raramente satisfeita. A Etiópia é um dos cinco países mais pobres do mundo e o maior receptor per capita de ajuda humanitária. Quase metade da população de 67 milhões é mal nutrida. Todos os anos, milhões enfrentam a fome. Para os mais jovens, a vida termina com uma morte triste.

Por trás das estatísticas está uma dura realidade que ajuda a explicar por que a fome é um problema tão intrincado na África. Quando a vida é tão consumida pela sobrevivência, o amanhã muitas vezes é negociado por antecipação para encher os estômagos hoje. Grupos de ajuda estrangeiros gastam tanto dinheiro alimentando os esfomeados que nunca tiveram tempo suficiente para prevenir a próxima onda de fome. As causas da fome da África — guerra, doença, corrupção, superpopulação — nunca vão embora.

Mesmo na bonança, quando as chuvas caem na Etiópia, os agricultores mal conseguem colher milho, batata doce e outras culturas para alimentar suas famílias. Batire nunca teve o luxo de permitir que os pequenos brotos de sua falsa árvore de banana amadurecessem, o que triplicaria sua despensa. Em vez disso, ela usa as árvores assim que sua família precisa de algo para comer.

Quando tudo acaba, os famintos procuram ajuda do governo ou dos grupos de ajuda. Mas quando isso acontece, a doença já os atingiu. Graves deficiências de proteína levam jovens vítimas a viver seus últimos dias marcados por manchas azuladas, suas faces congeladas em expressões de luto. “Se as doenças não nos matam, a seca vem atrás de nós para terminar o serviço”, diz Batire.

Ela já viu meia dúzia de crianças da vizinhança morrerem dessa maneira. E muitas vezes, seus próprios filhos foram para casa com fome. Nessas noites, Batire senta com seu marido, Ledamo Ataro, impotente para alimentá-los e incapaz de fugir dos pedidos por comida.

Sua cidade no sul da Etiópia se estende por terras agricultáveis que nos bons anos produz café para marcas famosas.

Mas 2003 não foi um bom ano. Não choveu em fevereiro e março, impedindo a família de plantar milho, trigo e outras culturas. Jantar é a única refeição do dia. Antes de comer, a família agradece pela comida que tiver. Ledamo é servido primeiro porque precisa de força para sustentar a família. Sua mulher, de cerca de 40 anos, e os filhos comem se sobrar algo.

O filho mais velho, Letimo, de 15 anos, é um jovem musculoso. Mas os membros magros e as barrigas inchadas de seus irmãos mostram vários graus de má nutrição. Eles nunca foram à escola e provavelmente nunca irão.

Embora estejam lutando contra a fome, os Ledamo estão entre os mais abastados membros de sua comunidade. Eles têm uma vaca, que usam para arar a terra. Eles também alugam o animal para os vizinhos. É tão precioso que compartilha a casa com a família, mascando um punhado de grama em um lado da pequena cabana. Se ficar fora, o magro animal pode ser presa fácil para as hienas e para os ladrões. “Não somos pobres”, diz Ledamo, com orgulho. “Muitos de meus vizinhos são.” (Adaptado de: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jul. 2004. p. A 18.)

01- Observe as frases: I. “Cordulina lhe falou, <u>meio</u> hesitante...”, do trecho de *O Quinze*; II. “‘Esse lugar está amaldiçoado’, diz do <u>meio</u> acre de terra da família.”, do artigo “O futuro para jovens na Etiópia: morte triste”. Sobre os termos sublinhados, é correto afirmar:

a) Na primeira frase, o termo está no masculino porque concorda com o ser a quem a frase é dirigida.
b) Na segunda frase, o termo está no masculino porque é substantivo.
c) Em ambas as frases, o termo está no masculino porque a classe gramatical é a mesma: advérbio.
d) Na primeira frase, o termo é invariável porque é advérbio.
e) Na segunda frase, o termo é invariável porque é numeral.

02- Observe as frases: I. “Antes de comer, a família agradece pela comida <u>que</u> tiver.”, do artigo “O futuro para jovens na Etiópia: morte triste”; II. “Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, <u>que</u> esmaecia aos poucos [...]”, do trecho de *O Quinze*. Sobre os termos sublinhados, é correto afirmar:

a) Na primeira frase, o termo substitui “comida” e desempenha a função de objeto direto; na segunda, o termo substitui “horizonte” e desempenha a função de objeto direto.
b) Na primeira frase, o termo substitui “comida” e desempenha a função de objeto direto; na segunda, o termo substitui “estrelinha” e desempenha a função de sujeito.
c) Na primeira frase, o termo substitui “comida” e desempenha a função de sujeito; na segunda, o termo substitui “horizonte” e desempenha a função de sujeito.
d) Na primeira frase, o termo substitui “família” e desempenha a função de sujeito; na segunda, o termo substitui “estrelinha” e desempenha a função de sujeito .
e) Na primeira frase, o termo substitui “família” e desempenha a função de objeto direto; na segunda, o termo substitui “estrelinha” e desempenha a função de sujeito.

03- Com base no poema "Canção amiga" e no texto "O futuro para jovens na Etiópia: morte triste", considere as afirmativas a seguir.

I. O auxílio proposto pelo sujeito lírico do poema é mais pragmático do que a ajuda humanitária desenvolvida na Etiópia.

II. O sujeito lírico se dispõe a uma prática romântica e idealista, desvinculada das questões sociais, ao contrário dos grupos de ajuda atuantes na África que atacam as raízes do problema.

III. A contribuição do sujeito lírico do poema é prevista para situações particulares e pessoas diversas, enquanto o artigo se concentra no cotidiano de uma família para expor sua miséria, sem ignorar a pobreza do restante do país.

IV. O sujeito lírico demonstra compaixão pelas crianças, assim como o artigo expõe um quadro que requer solidariedade para elas quando menciona a fome, a morte e a falta de acesso à escola.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e III.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

04- No quarto parágrafo do texto "O futuro para jovens na Etiópia: morte triste", aparece a seguinte frase: "Quando a vida é tão consumida pela sobrevivência, o amanhã muitas vezes é negociado por antecipação para encher os estômagos hoje." Esta frase é uma referência à inversão de medidas que a população africana e a família focalizada no texto são forçadas a praticar. Assinale a alternativa que contém uma frase do texto exemplificando adequadamente esta inversão.

a) "Em vez disso, ela usa as árvores assim que sua família precisa de algo para comer."
b) "Ela já viu meia dúzia de crianças da vizinhança morrerem dessa maneira."
c) "Antes de comer, a família agradece pela comida que tiver."
d) "Eles nunca foram à escola e provavelmente nunca irão."
e) "Eles também alugam o animal para os vizinhos."

05- Observe as frases: I. "Batire vai colocá-las em uma mistura que [...] tem baixíssimo valor nutritivo, mas pelo menos vai <u>aplacar</u> a fome de seu marido e sete filhos."; II. "Por trás das estatísticas está uma dura realidade que ajuda a explicar por que a fome é um problema tão <u>intrincado</u> na África." Assinale a alternativa em que as duas palavras substituem adequadamente os respectivos termos sublinhados.

a) amenizar – complicado
b) emplacar – particular
c) desemplacar – introspectivo
d) externar – indiscutível
e) desmascarar – nítido

Leia o texto a seguir e responda às questões 06 a 08.

"[...] Os romanos criaram a base para o mundo envidraçado em que vivemos hoje e espalharam a matéria por toda a Europa. O Ocidente passou a viver entre belos potes, vasos e janelas, mas, convenhamos, essas não são coisas capazes de mudar o rumo de civilizações. Quando o vidro iria mostrar a que veio? Uma primeira revolução aconteceu em 1285, no norte da Itália, época em que surgiram os primeiros óculos da história. As milhares de pessoas que dependem deles para ler este texto sabem que essa novidade sem dúvida mudou o mundo. Não demorou muito: ela logo se espalhou pela Europa e foi capaz de prolongar a vida profissional de trabalhadores em 15 anos ou mais. Uma prova do poder de fogo do apetrecho veio em 1445, com a invenção da prensa de Gutenberg: as publicações passaram a ter um padrão pequeno de letras e a venda de óculos explodiu. Era só a primeira revolução feita pelo vidro."

(CARPANEZ, Juliana. *Superinteressante*, n. 202, jul. 2004. p.86.)

06- Com base no texto, é correto afirmar:

a) Antes da criação dos primeiros óculos, o vidro já propiciava adornos que constituíam uma mudança relevante no rumo das civilizações.
b) A venda de óculos aumentou após a invenção de Gutenberg, constituindo um êxito mais significativo do aproveitamento do vidro do que os vasos e os potes.
c) A primeira revolução feita pelo vidro decorre da invenção dos óculos estimulada pelas criações de Gutenberg.
d) Entre 1285 e 1445, as pessoas que não enxergavam bem, já dispunham de óculos para resolver o problema das letras pequenas originadas do invento de Gutenberg.
e) O surgimento dos óculos permitiu que os trabalhadores tivessem uma vida mais longa, pois eles podiam usar o tempo de lazer para leituras de textos com letras pequenas.

07 - Assinale a alternativa que contém a expressão mais adequada para substituir "Uma prova do poder de fogo do apetrecho".

a) Uma evidência da capacidade da ferramenta.
b) Uma exibição do mecanismo da máquina.
c) Uma marca da virulência do material.
d) Uma resolução da autoridade do aparelho.
e) Uma avaliação da violência da arma.

08- Com o emprego de verbos na 1ª pessoa do plural e de uma frase interrogativa, a autora que escreveu esse texto:

a) Demonstra ser bastante criteriosa, deixando clara sua insegurança em relação a um tema que ainda hoje desperta polêmica no mundo científico.
b) Evita assumir um ponto de vista contraditório na crítica que faz aos países a que se refere em seu texto.
c) Procura aproximar-se de seus leitores, convocando-os a participar das reflexões que está desenvolvendo.
d) Deixa claro que as pesquisas até hoje realizadas sobre a história do vidro são insuficientes para responder todas as possíveis dúvidas dos leitores da revista.
e) Destaca a importância que os inventos que utilizam o vidro como matéria-prima tiveram para melhorar a qualidade de vida na antigüidade greco-romana.

Leia o texto a seguir e responda às questões 09 e 10.

Razão contra Sandice

Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava à casa, e convidava a Sandice a sair, clamando, e com melhor jus, as palavras de Tartufo:

La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir.*

Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lha farão despejar. É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante suas estações calmosas, concluiremos que essa amável peregrina é o terror dos proprietários. No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu. Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.

— Não, Senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.

— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério...

— Que mistério?

— De dois, emendou a Sandice; o da vida e o da morte; peço-lhe só uns dez minutos.

A Razão pôs-se a rir.

— Hás de ser sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa...

E, dizendo isto, travou-lhe dos pulsos e arrastou-a para fora; depois entrou e fechou-se. A Sandice ainda gemeu algumas súplicas, grunhiu algumas zangas; mas desenganou-se depressa, deitou a língua de fora, em ar de surriada, e foi andando...

**La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir*: frase do *Tartufo*, de Moliére, que significa "A casa é minha, e vós é que deveis sair".

(ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 84 -5.)

09- Com base no texto, é correto afirmar:

a) O despejo da personagem Sandice ocorre em razão da falta de pagamento de aluguel, já atrasado por vários meses.
b) Razão e Sandice desentendem-se, mas sempre voltam às pazes, uma vez que a Sandice mostra-se simples e disposta a morar até no sótão.
c) O conflito se passa na cabeça do narrador-personagem, sendo que Razão e Sandice são metáforas de seu estado de espírito.
d) Não há qualquer vencedor para a disputa entre Razão e Sandice, pois é natural da Sandice "criar amor às casas alheias" e por isso permanece na casa.
e) A Sandice é vista como um ser superior, pois é considerada uma "amável peregrina" sujeita ao autoritarismo da Razão.

10- Com relação aos recursos lingüísticos utilizados no texto, é correto afirmar:

a) O termo "agora", na frase "Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas (...)", funciona como conjunção adversativa e equivale ao termo no entanto.
b) Os termos "Já", na frase "Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava à casa (...)", e "Afinal", na frase "Afinal, já a Sandice se contentava com um cantinho no sótão.", indicam tempo e marcam o momento de encontro entre Razão e Sandice.
c) A recorrência do verbo "ser" revela o caráter predominantemente dissertativo do texto.
d) O termo "daí", na frase "Não, Senhora, replicou a Razão, estou cansada de lhe ceder sótãos, cansada e experimentada, o que você quer é passar mansamente do sótão à sala de jantar, daí à de visitas e ao resto.", constitui marca de oralidade e assinala uma inversão de expectativa.
e) As expressões "a adventícia" e "a dona", na frase "No nosso caso, houve quase um distúrbio à porta do meu cérebro, porque a adventícia não queria entregar a casa, e a dona não cedia da intenção de tomar o que era seu.", correspondem, no texto, respectivamente, à Razão e à Sandice.

Leia o texto a seguir e responda às questões 11 e 12.

"Dois temas recorrentes espalham-se pelas páginas do badaladíssimo livro de memórias de Hillary Rodham Clinton, *Living History* (História Viva ou um trocadilho com Vivendo a História). Um tem a ver com sua mudança de penteados, que é discutida em detalhes pelo menos uma dúzia de vezes, assim que seus cabelos mudavam, com uma freqüência digna de Madonna, do longo para o curto, do crespo para o escovado e para o cuidadosamente penteado. O outro se refere à tendência da sra. Clinton de culpar os inimigos - de políticos oponentes a uma "vasta conspiração de direita" - pelos fracassos e angústias dela e do marido. O primeiro ressalta a qualidade camaleônica que ela sempre está dividindo com o marido, a crença, como ela já disse certa vez, de que personalidade é "um percurso, não um destino". O segundo sublinha tanto a atmosfera altamente partidária dos anos 90 quanto a relutância dos Clintons em assumir responsabilidade total por seus próprios erros e evasivas."

(KAKUTANI, Michiko. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2004. Caderno 2, p. 3)

11- Com base na resenha jornalística sobre o livro *Living History*, é correto afirmar:

a) Embora critique, com severidade, a competência literária da ex-primeira dama norte-americana, concorda com as posições que a mesma assume em sua militância política.
b) Atém-se exclusivamente à crítica das formas de expressão bem como às idéias contidas no livro, sem fazer referência à figura da escritora.
c) Mesmo tendo sido publicado num dos órgãos de comunicação mais conservadores do mundo, elogia as posições políticas do casal Bill e Hillary Clinton.
d) Praticamente não faz referência ao estilo literário da escritora, preferindo criticar sua atuação na política por considerá-la incoerente e irresponsável.
e) Avalia a obra com base em dois argumentos contraditórios: um que elogia sua originalidade e outro que a considera politicamente incoerente.

12- No trecho em que cita as palavras com que Hillary Rodham Clinton define personalidade como "um percurso, não um destino", a jornalista:

a) Elogia a coragem e liberdade de espírito que a autora tem demonstrado, juntamente com seu marido, na defesa de suas idéias políticas.
b) Associa, de forma irônica, a variação na aparência física da escritora com a falta de critério e uniformidade de seus posicionamentos político-partidários.
c) Apresenta provas de que, embora procure manter-se atualizada em relação às tendências da moda, Hillary Clinton está longe de ser uma mulher elegante.
d) Deixa claro que, além de ser uma mulher de muito bom gosto, a escritora e seu marido formam um casal que tem conseguido se adaptar muito bem aos tempos modernos.
e) Denuncia a falta de critério constatada nas críticas que os adversários do casal Clinton fazem à sua atuação na política americana.

Leia os textos a seguir e responda às questões 13 a 15.

Texto 1

Rio abriga homens da caverna do século 21

Eles moram na zona sul do Rio de Janeiro e, do alto de suas moradias, têm acesso a vistas privilegiadas, como as praias do Leblon, de Ipanema e do Arpoador, o Pão de Açúcar, a Pedra Bonita ou a Pedra da Gávea. Não desembolsam um centavo por isso, mas, em compensação, pagam o preço de viver sem infra-estrutura. Em pleno século 21, são três moradores de caverna.

O mineiro Mário Lúcio Mendes, 43, conhecido como Rambo, mora na Rocinha, favela de São Conrado, que, de acordo com o Censo de 2000 do IBGE, tem 56.338 habitantes. Sua caverna possui cama de casal, geladeira, fogão e um exaustor para que o ar circule ali dentro.

Próximo dele, no vizinho morro do Vidigal, o também mineiro Francisco Couto, 70, é um dos 13.719 moradores da favela. Chico da Pedra, como é conhecido, mudou há dezoito anos para uma pequena gruta. O lugar tem luz elétrica e até endereço para correspondência, mas a água tem que ser armazenada em latas no quintal.

O terceiro homem das cavernas vive mais isolado. Severino Gomes, 53, nascido em Pernambuco, mora há 25 anos no meio da mata, sem energia elétrica nem água encanada, no pé do Pão de Açúcar, no bairro da Urca.

Estes três personagens do Rio têm algo em comum: foram morar em cavernas ao ficarem desempregados.

Grutas e cavernas são tidas – ao lado de ruas e viadutos – como "moradias improvisadas", onde, de acordo com o Censo, estão cerca de 0,5% dos domicílios do país.

(BORTOLOTI, Marcelo. Rio abriga homens da caverna do século 21. *Folha de S. Paulo*, São Paulo,18 jul. 2004. Cotidiano. p. 5)

Texto 2

O Homem em sua caverna

De início, ele tentou adaptar-se à nova vida; já que teria de viver na caverna, faria daquilo um lugar confortável. Assim, colocou ali uma cama, um fogão, um pequeno armário. Mas a verdade é que, apesar da cama, do fogão, do armário, o lugar continuava uma caverna, uma espécie de buraco na grande montanha. Deu-se conta: quem tinha de se transformar era ele. Se vivia na caverna, seria um homem da caverna. Um troglodita.

Não foi fácil. Para começar, livrou-se de tudo que podia lembrar conforto e modernidade: a cama, o fogão, o armário. E também a toalha, a escova de dentes, o pente. Já não pediria esmolas nem buscaria comida no lixo; homem primitivo, iria em busca da caça. Confeccionou um rudimentar arco e flecha e também uma espécie de tacape. Animais ali não eram muitos, mas ele conseguia abater algumas aves e também uns gatos cujas peles, aliás, usou para fazer uma espécie de tanga, jogando fora suas esfarrapadas roupas.

No começo, comia a carne crua. Mas a humanidade progride, e lá pelas tantas o habitante das cavernas resolveu fazer fogo. Nada de fósforos, nada de isqueiros – essas coisas queria esquecer. Não, tratou de produzir chamas do mesmo modo que os índios, esfregando dois pauzinhos. Coisa lenta e trabalhosa, mas dispunha de todo o tempo do mundo, de modo que finalmente conseguiu acender uma fogueira no meio da caverna – uma fogueira que ele, claro, não deixaria se apagar. Lenha, felizmente, era coisa que não faltava na região. Ainda havia ali mata nativa.

Mas havia, sim, uma coisa que lhe fazia falta: mulher. Fêmea, melhor dizendo. Àquela altura já não podia namorar. Não só pelo fato de andar sempre de tanga; também porque estava fazendo um esforço consciente para deixar de falar, para esquecer as palavras que conhecia. Sua linguagem, daí em diante, se limitaria a grunhidos.

E com grunhidos se dirigiu a uma mulher, uma jovem que encontrou vagando pela mata. Ela olhou-o, assustada, fugiu. Ele correu atrás dela e fez o que os trogloditas faziam quando queriam fêmea: golpeou-a na cabeça com o tacape. Trouxe-a, desacordada, para a caverna. Pretendia cuidar dela com todo o carinho que lhe permitia a sua condição primitiva, mas tão logo se distraiu, ela fugiu.

Desde então, ele não sai mais da caverna. Não por medo que ela volte com a polícia. O que ele teme, mesmo, são os dinossauros. Que, como se sabe, já foram os donos da Terra.

(SCLIAR, Moacyr. O homem em sua caverna. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 de jul. 2004. Cotidiano. p.2.)

13- Com base nos textos, é correto afirmar:

a) O título do texto 1, "Rio abriga homens da caverna do século 21", refere-se à descoberta da existência de homens primitivos na atualidade. Já o título do texto 2, "O homem em sua caverna", aponta para o fato de que a caverna transforma-se em uma prisão para o homem contemporâneo.
b) O texto 1 apresenta linguagem denotativa, uma vez que sua finalidade é comunicar uma informação, enquanto que o texto 2, devido à sua natureza ficcional, enfatiza os recursos narrativos.
c) No texto 1, dados como nome, idade e local não são importantes para a informação sobre a vida na caverna, enquanto que no texto 2 a ausência de dados descritivos sobre o morador da caverna contribui para a clareza do assunto tratado.
d) No texto 1, por se tratar de um texto narrativo, as frases são simples e diretas, enquanto que no texto 2, devido a seu caráter descritivo, há o predomínio de orações subordinadas.
e) Tanto o texto 1 quanto o texto 2 priorizam a linguagem denotativa e apresentam a mesma intenção: criticar os homens da caverna.

14- Sobre os textos, considere as afirmativas a seguir.

I. Nos dois textos existe uma crítica às pessoas que abandonam as moradias tradicionais para habitar cavernas e não conseguem se desligar de confortos e vantagens, como móveis, eletrodomésticos e vista privilegiada.
II. O texto 1 constata um fato, enquanto que o texto 2 faz uma reflexão sobre esse fato, ou seja, a vida em caverna.
III. No texto 1, o homem é levado a morar em caverna em razão da condição sócio-econômica em que se encontra, enquanto no texto 2 viver nesse lugar possibilita a harmonia homem-sociedade.
IV. O texto 1 mostra a ação do homem sobre o ambiente habitado, que é transformado para lhe oferecer maior conforto, enquanto que o texto 2 mostra que o homem incorpora a rusticidade do ambiente em que passa a viver, de tal forma que perde suas referências anteriores.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e III.
b) I e IV.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

15- Com relação aos recursos lingüísticos dos textos, é correto afirmar:

a) No texto 1, a expressão "por isso", na frase "Não desembolsam um centavo por isso, mas, em compensação, pagam o preço de viver sem infra-estrutura.", refere-se a "acesso a vistas privilegiadas".
b) No texto 2, o termo "mas", na frase "Mas a verdade é que, apesar da cama, do fogão, do armário, o lugar continuava uma caverna (...)", confirma a idéia exposta nas orações anteriores.
c) No texto 2, a palavra "que", na frase "(...) já que teria de viver na caverna, faria daquilo um lugar confortável", refere-se ao termo "ele" presente na frase "De início, ele tentou adaptar-se à nova vida(...)".
d) No texto 1, a expressão "moradias improvisadas", na frase "Grutas e cavernas são tidas – ao lado de ruas e viadutos – como 'moradias improvisadas' (...) ", aparece entre aspas por se tratar de expressão pouco usada.
e) No texto 2, o termo "àquela", na frase "Àquela altura já não podia namorar", aparece craseado porque se refere à palavra "fêmea", na frase "Fêmea, melhor dizendo".